

MANEJO CLÍNICO NA PSICOTERAPIA PSICODRAMÁTICA BIPESSOAL INTEGRATIVA

Volume I

Georges Salim Khouri



*MANEJO CLÍNICO NA PSICOTERAPIA
PSICODRAMÁTICA BIPESSOAL INTEGRATIVA
Volume 1*

Copyright © 2026 by Georges Salim Khouri
Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**
Assistente editorial: **Marina Vitale**
Preparação: **Samara dos Santos Reis**
Revisão: **Carlos S. Mendes Rosa**
Capa: **Alberto Mateus**
Projeto gráfico: **Crayon Editorial**
Diagramação: **Natalia Aranda**

Editora Ágora

Departamento editorial
Rua Itapicuru, 613 – 7º andar
05006-000 – São Paulo – SP
Fone: (11) 3872-3322
<http://www.editoraagora.com.br>
e-mail: agora@editoraagora.com.br

Atendimento ao consumidor
Summus Editorial
Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado
Fone: (11) 3873-8638
e-mail: vendas@summus.com.br

Impresso no Brasil

SUMÁRIO

Prefácio, pré-texto ou pretexto	11
Psicodrama na visada da sala clínica — Prefácio do autor	13
A clínica como laboratório vivo	13
O psicodrama futurista do aqui e agora	14
Introdução	15
 1. Moreno no psicodrama bipessoal	21
 2. Qualidade de presença terapêutica, sintonia dual, e o campo télico de cura ..	29
O arcano da psicoterapia: campo télico de cura.....	29
Qualidade de presença terapêutica, sintonia dual	42
 3. Pilares para a mudança psicoterapêutica	51
4. Tema protagonico e enquadramento na psicoterapia psicodramática	63
 5. Matriz de técnicas para o psicodrama bipessoal	69
Técnicas iniciais	70
Técnicas clássicas do psicodrama utilizadas com mais	
frequência nas entrevistas e intervenções iniciais	73
Técnicas clássicas.....	90
Outras técnicas	94
Técnicas para contenção, autorregulação e <i>grounding</i>	99
Guia de consulta rápida — Técnicas por categoria	114
 6. Além das técnicas clássicas	121
Teoria e técnica da construção de imagens tridimensionais	
e bidimensionais com tecidos.....	121

O psicodrama em miniatura: manejo com bonecos e brinquedos no psicodrama bipessoal.....	130
Psicodrama interno no tratamento de traumas	147
Psicodrama do sistema dos papéis internos (estados de ego – partes)	150
Referências bibliográficas	167

PREFÁCIO, PRÉ-TEXTO OU PRETEXTO

Não, não é um prefácio. É um pré-texto. Na realidade, um pretexto para escrever sobre um cara de que gosto; gosto e respeito. Respeito e reverencio sua competência onde e quando se mete a fazer algo. E olhe que ele se mete em coisas! Geólogo, psicólogo, gestor, psicodramatista organizacional e psicoterapêutico, praticante de EMDR (*eye movement desensitization and reprocessing*) e de *mindfulness*. Não, não é ecletismo oportunista. Tudo é feito com profundidade, força e habilidade. Ele pensou sobre o que aprendeu. E criou.

Agora, criou este livro que você tem em mãos. Poucas vezes (se não nenhuma) vi um livro sobre psicoterapia ou, especificamente, sobre psicodrama com tamanho conteúdo prático. E absolutamente fundamentado. E tudo dirigido para o melhor acolhimento, atendimento e cuidado clínico para com o cliente/paciente. Há algum tempo vi uma frase de Alvin Toffler que diz: “O analfabeto do século 21 não será o que não sabe ler e escrever, mas aquele que não consegue aprender, desaprender e reaprender”. Na teoria moreniana, isso é a própria essência do desenvolvimento dos papéis. *Role-taking, role-playing, role-creating*. Criar no papel. Passar e ultrapassar o já feito. E evitar cair em nossa conhecida *conserva cultural* moreniana. E o conhecimento, não sendo vivificado pela criatividade, torna-se uma conserva cultural. O psicodrama pode se tornar uma conserva cultural. O *role-creating* a que Moreno nos convoca é o *fiat lux*. A centelha divina. Como Khouri afirma, “para além das técnicas clássicas”. Criar é ir além das fronteiras do conhecido.

Brilhante, Georges. Como é bom poder conciliar o amor que tenho por você com a admiração pelo seu trabalho intelectual. E, a você que lerá e beberá dessa fonte, aproveite e deguste essa viagem pelo universo psicodramático.

ANTONIO CARLOS SOUZA (TOM)

Psiquiatra e psicodramatista

PSICODRAMA NA VISADA DA SALA CLÍNICA — PREFÁCIO DO AUTOR

Desde sua chegada ao Brasil, entre 1948 e 1950, o psicodrama foi impregnado por um espírito criativo e social transformador, encarnado no pioneirismo de Guerreiro Ramos (1915-1982). Seu olhar sociológico já anuncia que o psicodrama não se prestava a roteiros rígidos, mas à abertura radical ao que emerge — um modo de surpreender as emoções em seu estado nascente, vivo e não domesticado. Essa natureza aberta e experiencial se enraizou profundamente no solo fértil da clínica brasileira.

É com esse espírito de invenção que apresento esta segunda edição, agora organizada em dois volumes, ampliada e revisitada com base nas experiências clínicas e epistemológicas acumuladas nos últimos anos, preservando a coerência epistemológica e metodológica da proposta que defendo: o psicodrama integrativo bipessoal como abordagem aberta, criativa, experiencial e atualizada com as neurociências.

Este primeiro volume reúne os fundamentos da prática clínica com foco especial no manejo psicodramático, na presença terapêutica e nas técnicas aplicadas no *setting* bipessoal. Todos os capítulos foram revistos, com destaque para o capítulo 5, bastante ampliado com novas técnicas clínicas adaptadas do campo do trauma, das terapias somáticas e do psicodrama contemporâneo.

A clínica como laboratório vivo

Nos dois volumes, reafirmo que o manejo clínico psicodramático se dá no terreno do real do encontro, onde o protocolo falha e o terapeuta é convocado à espontaneidade e à criação. Como afirmava Christophe Dejours (2009), o real do trabalho é uma prova inédita, e é nesse lugar que a técnica se reinventa, a presença terapêutica ganha corpo e que a cura se anuncia.

O psicodrama integrativo bipessoal aqui proposto é vivo, plural, neuroafetivo e sensorial. Ele acolhe o corpo, a imagem, a palavra e o silêncio — e se deixa afetar pelas descobertas da ciência, pelo calor da experiência e pela potência do encontro.

O psicodrama futurista do aqui e agora

Esta segunda edição é uma convocação à atualização do psicodrama brasileiro: com raiz na ação moreniana, corpo nas imagens plásticas de Jaime Rojas-Bermúdez, olhos voltados para as neurociências da intersubjetividade, da plasticidade sináptica e das experiências corretivas vividas no campo.

Oxe! Que venha o futuro com seus “aqui e agora” plenos de tele, técnica e presença viva!

INTRODUÇÃO

Sempre fiquei muito atento à psicoterapia psicodramática bipessoal por ser a porta de entrada, ou o percurso frequente, para a terapia de grupos. Depois, com muitos anos de experiência, fui percebendo que alguns clientes respondiam muito bem à psicoterapia bipessoal psicodramática e, quando os colocava na terapia de grupo, eles travavam. Não foram poucos os clientes que solicitaram retornar as sessões individuais com a queixa de que no grupo não aprofundavam suas questões. Relatavam que, quando começavam a vislumbrar uma questão importante e crítica, frequentemente não lhe davam seguimento nas sessões subsequentes, pois emergia a demanda de outros participantes.

Percebi também que muitos clientes em terapia bipessoal não avançavam, traziam poucas demandas, seus conteúdos estavam imersos nos subterrâneos de sua subjetividade, aprisionados em algum ponto que não aflorava. Não havia sinais nem na fala, nem na comunicação corporal que pudessem indicar um sintoma ou alguma demanda que o cliente pudesse ter. Muitas vezes lhes revelava e insinuava a possibilidade de “fechar” o processo terapêutico. Porém, invariavelmente, eles insistiam em continuar evidenciando que o fenômeno télico ou ressonância límbica psicoterapeuta-cliente estava presente como variável fundamental para a “cura”. Clientes com comportamentos dessa natureza e nesses moldes eram convidados a participar do psicodrama grupal e, surpreendentemente, davam um salto fantástico em seu processo terapêutico.

Falar sobre psicoterapia psicodramática bipessoal é um projeto antigo que, ao longo do tempo, foi se fortalecendo por eu me sentir “marginalizado” por colegas psicodramatistas que diziam que eu dava muita atenção ao psicodrama bipessoal, mais do que ao psicodrama grupal. É verdade, pois percebi que o psicodrama bipessoal tinha bem pouco referencial da teoria aplicada à prática. Via-o como uma possibilidade de recriar e criar no manejo terapêutico. Isso se confirmou ainda mais depois que conheci as técnicas do mestre Jaime Rojas-Bermúdez.

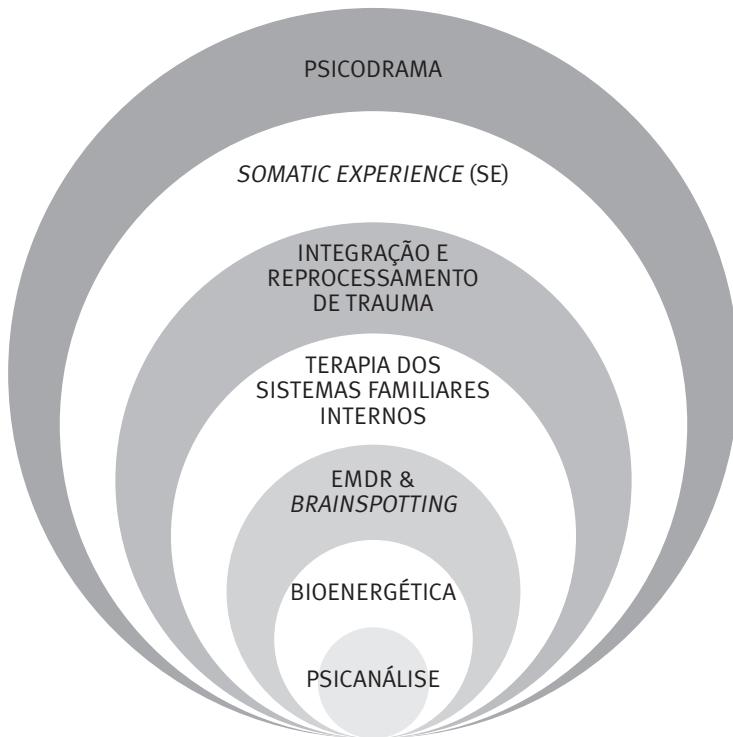
A participação nos seminários dirigidos por Rojas-Bermúdez e Graciela Moyano, em 1998 e 1999, na cidade de Salvador (Bahia), cujo foco fundamental era a técnica de construção de imagens, foi a confirmação da infinita possibilidade do sistema sacionômico de Jacob Levy Moreno. O constructo de Rojas-Bermúdez, com base nas ideias de Moreno, é o testemunho vivo do fundamental conceito da “espontaneidade-criatividade” que se manifesta com um “sentido cosmológico, ao explicar a constante criatividade no mundo, e com um sentido psicológico, ao procurar desenvolver um estado de perpétua originalidade e de adequação pessoal, vital às circunstâncias da vida cotidiana”. Facilitar o navegar em “mares nunca dantes navegados” com uma nau ainda mais poderosa é a imagem metafórica que utilizo para expressar o que sinto ao acompanhar pessoas em psicoterapia psicodramática bipessoal ou em grupos, agregando as possibilidades do método de construção de imagem postulado por Rojas-Bermúdez.

Refiro-me aqui não à construção de imagens tridimensionais corporais que tanto venho utilizando em minha prática ao longo dos anos, mas sim à técnica de construção de imagens psicodramáticas com tecidos (CIT), material pouco estruturado que não permite forma tridimensional específica e, com suas cores, textura e maleabilidade, leva o cliente a plasmar, por meio de uma expressão plástica de suas experiências subjetivas, objetivada no tablado. Mais recentemente, com base no mesmo fundamento da construção de imagem psicodramática, introduzimos a construção de imagens utilizando bonecos articulados. Todos esses recursos visam facilitar que a pessoa em processo de desenvolvimento pessoal olhe para o sofrimento, a dor e a angústia e perceba que, aos poucos, na sua produção, criação e recriação, novas redes de significados são tecidas progressivamente, ampliadas, revistas, desconstruídas e construídas, para chegar a um processo de autoria existencial que coincide com um desejo, com um gosto de viver, com uma vontade de construir o mundo onde nos encontramos, com a instauração de dispositivos para mudar os tipos de sociedades e os tipos de valores que não são os nossos.

Nesse caminhar, a bioenergética de Alexander Lowen sempre foi uma parceira fundamental na integração com o psicodrama, além da SE (*somatic experience*, ou experiência somática), de Peter Levine, e das terapias integrativas voltadas para o cérebro, em especial o EMDR (*eye movement desensitization and reprocessing*, ou dessensibilização e reprocessamento por movimentos oculares), de Francine Shapiro, e o *brainspotting* de David Grand (2016). Mais recentemente, a psicoterapia de integração e reprocessamento do trauma pelo modelo Alecea, do meu amigo galego Mario Salvador, e a terapia dos sistemas familiares internos (SFI), de Richard Schwartz, por meio das aulas do amigo e psicólogo português Aníbal Henriques, agregaram-se significativamente ao meu manejo clínico. Aqui emerge a psicoterapia psicodramática bipessoal integrativa (figura 1, p. 17), e não tenho dúvida de que existem tantas outras abordagens quantos

forem os profissionais que compartilhem a visão de que não há o “bloco do eu sozinho”, visto que a evolução de qualquer abordagem requer diálogo com outras perspectivas e outros campos do conhecimento.

Figura 1. Psicodrama integrativo — modelo de Khouri



Fonte: elaborada pelo autor.

Isso é o imperativo da multirreferencialidade, uma postura epistemológica que reconhece a complexidade do sujeito humano e da prática clínica, conforme propõe Jacques Ardoino (1998), ao defender a coexistência de múltiplas perspectivas teóricas, práticas e existenciais na abordagem de fenômenos humanos. A multirreferencialidade, mais do que uma soma de técnicas, é uma ética do cuidado e da escuta plural.

Nesse mesmo horizonte, Edgar Morin (1999) nos ensina que o conhecimento não pode mais ser reduzido à especialização fragmentada. É necessário um pensamento complexo, capaz de conectar o uno e o múltiplo, a parte e o todo, o objetivo e o subjetivo, a ordem e a desordem, o racional e o afetivo. Em seu chamado à reforma do pensamento, Morin (1999, p. 16) aponta que “a inteligência cega diante da complexidade do real pode conduzir a decisões mutilantes”. A psicoterapia que almeja compreender

e transformar deve, portanto, ser hospitaleira com a diversidade de saberes, experiências e modos de ser.

A psicoterapia psicodramática bipessoal integrativa é, nesse sentido, uma expressão viva de um paradigma complexo e multirreferencial, no qual a técnica é guiada pela ética da escuta, pela ressonância afetiva e pela permanente abertura a novos campos de sentido. Como afirma Morin (1999, p. 31), “o conhecimento do conhecimento deve nos preparar para enfrentar a incerteza, a incompletude e a imprevisibilidade”. E é neste campo fértil da incerteza compartilhada que o psicodrama descobre sua potência: no encontro humano que tece, em ato, a transformação possível.

A escuta e a observação dos meus clientes, individualmente ou em grupo, estão fundamentadas no quanto eles se afastam ou se aproximam do homem moreniano em suas relações interpessoais e com o mundo; no quanto eles se movimentam em sua existência sociométrica em vários contextos e no modo como estabelecem seus vínculos — se são isolados sociais, se são estrelas sociométricas ou se trafegam no meio comum. Para Moreno, doença é doença da relação e, dessa forma, ao conhecer a dinâmica do relacionamento interpessoal do cliente nos vários contextos, saberemos até que ponto ele estabelece uma relação complementar patológica ou não.

Não me coloco na posição daqueles profissionais psicodramatistas que estão fechados no discurso de que, se não há grupo, não é psicodrama; ou seja, de que a terapia psicodramática só se realiza por meio do grupo. A meu ver, a questão que vai para a cena é semelhante à problematização formulada por Pablo Población (2015), ao afirmar: “então estamos obrigados a perguntar se a terapia individual (bipessoal ou diária) se submete à teoria psicodramática ou é um caso excepcional que rompe as regras de jogo deste modelo”. O autor conclui dizendo que, “se todo grupo é um sistema, duas pessoas em interação conformam um sistema relacional, portanto, creio que posso defender que esta terapia se desenvolve dentro de um processo grupal” (*idem*, p. 22).

Poderíamos começar a discutir tais questões com base na denominação dessa modalidade de psicodrama. São várias as denominações. Dalmiro Bustos (*apud* Cukier, 1992; Herranz, 2006), o pioneiro nessa prática, denomina “psicodrama bipessoal”; José Fonseca (2000) maneja no contorno do que ele denominou “psicoterapia da relação”, como um psicodrama minimalista; Valéria Brito (2012) denomina “psicodrama a dois”; Pablo Población (2015) chama de “psicodrama diádico”. Vladislavick-Schärl (1999, p. 92) discorre sobre o psicodrama sem grupo como uma variante do monodrama, problematizando sobre “em que medida é possível transferir a experiência grupal psicodramática ao contexto da terapia individual?” E, também, a denominação, “psicodrama dual”.

Na visão de Teodoro Herranz (2006), não existe consenso sobre o que é psicodrama bipessoal. Nos centros formadores, na Espanha, é tratado como um tema menor do psicodrama, assim como em muitos centros formadores no Brasil, que o colocam no lugar de técnica especial, com mísera carga horária (quatro a oito horas) para aprendizado. Zoli Figusch (2012) optou por traduzir todos esses termos para o inglês *one-to-one psychodrama psychotherapy* ou *one-to-one psychodrama*. Heloisa Fleury (2020) faz uma tradução literal de Zoli, denominando-o “psicodrama um a um”. Enfim, muitas denominações para a mesma natureza de processo psicoterápico, que é o psicoterapeuta psicodramatista e seu cliente no contexto individual, sem ego auxiliar, em sala clínica. Não tenho intenção de buscar responder essas questões, e sim registrar que, a meu ver, essa multiplicidade de termos é um sintoma da falta de identidade dessa forma de manejo. Ou seja, é um manejo órfão e, por ser assim, quem o adota cria, recria e integra manejos de outras abordagens. Figusch (2012) afirma em suas pesquisas que o psicodrama pode ser aplicado como método de tratamento individual — um paciente com um diretor e ego auxiliar, ou um paciente e o diretor. Revela também:

Moreno não dedicou muita atenção ao psicodrama um a um e não o considerou como uma modalidade terapêutica importante, pois o via como um exemplo de contraespontaneidade, devido à incapacidade do diretor de incluir outros em seu trabalho. Na verdade, ele raramente mencionou essa possibilidade técnica, e, mesmo quando o fez, foi de uma maneira um tanto pejorativa. (*ibidem*)

Considerando o lugar de Moreno no contexto em que a psicanálise já permeava firmemente toda a Europa, e o psicodrama, ainda no seu *status nascendi*, se desenvolvia em céu aberto no terreno social, num movimento contrário ao hermetismo psicanalítico da época, é importante lembrar que isso não excluía a mirada para a dimensão individual, que é um dos eixos da teoria moreniana. Particularmente, prefiro a denominação psicoterapia psicodramática bipessoal e defendo a ideia de que seu manejo merece atenção das escolas que formam especialistas em psicodrama. O fundamento teórico de base é o mesmo que sustenta o psicodrama moreniano clássico e as vertentes desenvolvidas por outros pesquisadores e profissionais. Sua prática, ou seu manejo, para alcançar o “objetivo clínico ou a cura” requer tempo de treinamento, desenvolvimento e supervisão, o que, em geral, não é o foco das escolas.

Como não há uma sistematização dessa prática, sua construção fica por conta dos psicodramatistas experientes. Estes, num movimento particular análogo a uma “convergência orogenética”, fazem surgir uma “cadeia montanhosa” de formas de manejo (técnicas), o que, em geral, é uma saudável “deformação adaptativa” das técnicas ori-

ginalmente elaboradas para intervenção em grupos em seus vários contextos. Como já diziam meus mestres, uma intervenção técnica é similar a um bisturi que, em mãos inábeis, pode causar um estrago muito grande.

Apesar do desinteresse de Moreno em desenvolver o psicodrama bipessoal ser um fato histórico, no decorrer do desenvolvimento de seu constructo socionômico realizou intervenções, algumas vezes, nessa modalidade de psicodrama e deu direção, régua e compasso para quem posteriormente adotasse essa forma de psicodrama. Questões recorrentes permeiam a comunidade técnico-científica sobre o psicodrama bipessoal, sobretudo os psicodramatistas iniciantes. O que é a psicoterapia psicodramática bipessoal? Quais as dificuldades encontradas no processo e no manejo dessa modalidade? Quais as diferenças técnicas entre o psicodrama individual e o psicodrama de grupo? Essas questões, em processo de supervisão, gradualmente vão sendo esclarecidas devendo à aproximação imperativa do labor psicodramático com a teoria, num diálogo rico em espontaneidade-criatividade. Iniciar a reflexão com dois casos clássicos de Moreno é um *start* robusto no processo de supervisão.

1 MORENO NO PSICODRAMA BIPESSOAL¹

Na minha visão, o caso Rath é emblemático. Ele, senhor de 44 anos, queixa-se a Moreno de que, durante 15 meses, tivera cãibra na mão direita ao escrever e tentara diversas formas de tratamento, sem resultado. Advogado e relator de um juiz, alegre, dinâmico, extrovertido, com um senso jurídico brilhante quando está sóbrio. Ao longo do tempo, sem razão aparente, esse juiz começou a ficar insatisfeito com Rath e deixou de convidá-lo a encontros festivos na sua casa ou no clube. Nesse caso, Moreno manejou o psicodrama bipessoal, apesar de já ter sua equipe de egos auxiliares estabelecida em Beacon. Logo na primeira sessão, em que estavam apenas os dois, Moreno solicitou a ele que imitasse o comportamento do juiz. Rath, sem cerimônia, imitou-o com muito humor e ironia:

Levantou-se, caminhou rapidamente pela sala e tornou-se tenso. Sua voz ficou mais baixa, seu aspecto furioso e cheio de hostilidade. Ameaçou o médico com o dedo e interpelou por suas iniciais, como o juiz fazia habitualmente com ele. Ficou vermelho de raiva, gritou, atirou-se contra o médico (no papel de cliente). O paciente no papel do juiz acusou o médico de saber demais, tanto que seria suficiente para fazê-lo ser enforcado. A tensão aumentou, a respiração do doente tornou-se ofegante e suas palavras incoerentes. (Moreno, 1993b, p. 298)

O primeiro ensinamento de Moreno foi sobre a importância fundamental da qualidade de presença e da sintonia, que foram marcantes com Rath, levando rapidamente à conexão télica. Entendo que esse momento foi lúdico e por certo fortaleceu a relação télica entre os dois. Moreno, aproveitando o aquecimento de Rath, pediu para inverter o papel com ele. Rath aceitou de imediato e, na ação, começou no papel de si mesmo a

¹ Texto produzido para obtenção do título de supervisor do psicodrama clínico pela Associação Baiana de Psicodrama e Psicoterapia de Grupo (Asbap). Profunda gratidão a Tani Bandeira Dias Pedreira, Cybele Maria Rabelo Ramalho e Rosana Maria de Sousa Rebouças pela disponibilidade nessa jornada.